



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM REDE

ROSANE FERREIRA MACÊDO

LIBRAS

E CULTURA SURDA NA ESCOLA:
APRENDENDO COM AS MÃOS

SÃO LUÍS
2022





UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM REDE

ROSANE FERREIRA MACÊDO

LIBRAS

E CULTURA SURDA NA ESCOLA:
APRENDENDO COM AS MÃOS

Produto técnico-tecnológico vinculado a dissertação “Libras e cultura surda na formação continuada de professores para o ensino de estudantes surdos” apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional, para a obtenção do título de Mestre em Educação Inclusiva.

Orientadora: Profa. Dra Ivone das Dores de Jesus
Coorientadora: Profa. Dra Maria da Cruz Soares da Cunha
Laurentino

SÃO LUÍS
2022

Macêdo, Rosane Ferreira.

Libras e cultura surda na escola: aprendendo com as mãos [recurso eletrônico] / Rosane Ferreira Macêdo, Ivone das Dores de Jesus, Maria da Cruz Soares da Cunha Laurentino; ilustrações de George Luiz Lima dos Anjos Júnior. – São Luís: [s.n.], 2022. 56 pág.

A obra em formato digital constitui-se produto educacional do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional, da Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

1.Língua Brasileira de Sinais. 2.Cultura surda. 3. Educação inclusiva. I. Jesus, Ivone das Dores de. II.Laurentino, Maria da Cruz Soares da Cunha. III. Anjos Júnior, George Luiz Lima dos. IV.Título.

CDU: 376-056.263



APRESENTAÇÃO

Caros Professores,

É com imensa satisfação que me dirijo a vocês para dialogarmos um pouco sobre a importância da Língua Brasileira de Sinais-Libras e cultura surda na escola inclusiva e como ela é fundamental para o nosso aluno surdo, que se encontra muitas vezes excluído dentro da própria sala de aula.

A introdução de alunos surdos na escola inclusiva tem nos apresentado inúmeros desafios, mesmo com a conquista de legislação que coloca Língua Brasileira de Sinais como a segunda língua oficial do Brasil (lei nº10.436/2002), observamos que a escola está voltada para a maioria ouvinte e com metodologias que não contemplam singularidades linguística do surdo. A inclusão de pessoas com surdez na escola comum requer que se busquem meios para beneficiar sua participação e aprendizagem tanto na sala de aula como no Atendimento Educacional Especializado. Para propor participação é necessário que o professor de sala de aula o conheça e seja orientado com aspectos básicos para desenvolver sua aula, assim a formação continuada desse professor é fundamental para que o aluno surdo possa fazer parte efetivamente da escola.

O material coletado para construção deste caderno foi elaborado a partir das entrevistas com professores que atuam com alunos surdos e dos momentos de formação continuada em Libras com tema, Libras na escola: aprendendo com as mãos, realizado em uma escola regular. Este caderno pedagógico é composto por um breve resumo teórico-conceitual sobre: conceituação sobre o estudante surdo, Libras, Educação de Surdos, Cultura Surda e pedagogia visual. Tendo ainda indicações de textos, vídeos para complementar os estudos e alguns vídeos de sugestões dos professores sobre sinais relacionados em suas disciplinas.

Recomendamos que outras pesquisas e fontes de informação sejam consultadas, como também esperamos que o professor, motivado pelas informações aqui relatadas, se proponha a realizar futuras pesquisas e ter um olhar mais atento para seu aluno surdo, tentando conhecer sua cultura e sua língua, realizando estratégias mais adequadas e se propor a transformar a sala de aula em um local de trocas e conhecimentos, pois a escola se torna inclusiva quando todos participam.

SUMÁRIO



UNIDADE 1: SURDEZ E LIBRAS.....	07
1.1. Quem é o Estudante Surdo?	08
1.2. Língua Brasileira de Sinais-Libras: conceitos básicos e parâmetros...13	
Dicas.....	20



UNIDADE 2: EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	22
2.1 História Da Educação de Surdos.....	23
2.2 Filosofias Educacionais na Educação de Surdos.....	33
2.3. Cultura Surda e Artefatos Culturais.....	37
Dicas.....	43



UNIDADE 3: PEDAGOGIA VISUAL.....	46
3.1 Conhecendo sobre a Pedagogia Visual.....	47
3.2 Dicas para se comunicar melhor com seu estudantes surdo.....	48
Dicas.....	50
Vídeos em libras relacionados às disciplinas de História, Biologia e Artes.....	51

CONCLUSÃO.....	52
-----------------------	-----------

REFERÊNCIAS.....	54
-------------------------	-----------



UNIDADE 1:

SURDEZ E LIBRAS



UNIDADE 1: SURDEZ E LIBRAS

A inclusão de estudantes surdos na escola regular se torna cada dia mais presente nas escolas públicas, surgindo por parte dos professores muitas inquietações de como deve ser seu comportamento, quais atitudes deve ter e como deve ser sua interação por meio do intérprete. Nesta unidade abordaremos conceitos e características sobre a surdez e povo surdo, para que o professor possa conhecer um pouco sobre esse estudante surdo, esclarecendo alguns mitos e características sobre suas especificidades linguísticas, tentando expor de forma objetiva o que vem a ser a Língua Brasileira de Sinais-Libras.

1.1. Quem são os estudantes surdos?

A percepção sobre a pessoa com surdez passou por diversas interpretações dentro do contexto histórico. Para Sá (2006), a definição de surdez passou por influências médico-terapêuticas, considerando o déficit auditivo e sua classificação, deixando de realmente considerar os contextos culturais e sociais nos quais o sujeito está inserido. Portanto, essa percepção ocorre em decorrência de sua caracterização e causas clínicas, desconsiderando os aspectos socioculturais nos quais o indivíduo surdo se encontra

Para entendermos quem são esses estudantes surdos devemos iniciar a **conceituação** sobre o que é ser **surdo** e o que é **deficiência auditiva**, observando como ela está associada à interpretação do termo deficiência, pois, muitas vezes, colocamos **estereótipos** nos surdos, considerando-os como incapazes por apresentarem ausência de audição. Vejamos a seguir alguns conceitos:

A **Surdez** é caracterizada pela perda sensorial da audição e é classificada pela medida de graus de surdez (Souza, 2019, p.29). A conceituação da surdez é evidenciada por uma interpretação da condição de deficiência, mas a interpretação de **Povo Surdo**¹, que utiliza uma língua própria, demonstra outra conceituação. Assim, os surdos são considerados: aqueles que se reconhecem como surdos, frequentam a **comunidade surda**, aceitam a condição de surdez e que, para estabelecimento de suas relações, utilizam a **Libras na**

¹ A Pesquisadora Surda, Flaviane Reis, explica a expressão Povo Surdo como "uma estratégia de poder, de identidade. O que constitui este povo? As associações, organizações locais, nacionais e mundiais de surdos, as lutas, a cultura, as políticas. É uma representação simbólica não como uma simples

sua comunicação. (Quixaba,2015,p.23)

É importante destacar que a surdez possui causas diferenciadas, que podem ser de ordem genética ou adquirida no decorrer da vida, sendo que também nós, os ouvintes, podemos vir a ter um déficit auditivo com o passar dos anos. Assim, é importante que o professor perceba que o estudante ,mesmo com perda auditiva constatada, possui condições de aprendizagem e necessita que sejam respeitadas as suas especificidades.

Por décadas, os surdos foram discriminados e estigmatizados com uma carga de preconceitos. É muito comum nos deparamos com termos como mudinho, surdo-mudo, deficiente auditivo e, algumas vezes, até doidinho. Esses estigmas, observados ao longo da trajetória da Educação de Surdos, devem ser deixados de lado, pois o estudante surdo necessariamente não é mudo, na maioria das vezes, não tem comprometimento em seu aparelho fonador, é, portanto, capaz de emitir som, não devendo, pois, ser considerado mudo.

Vejam alguns conceitos importantes relacionados aos surdos e a Libras que são destacados por Quadros (2019) e Schmitt (2013):

Surdo:

é como se identifica a pessoa que é surda, a expressão é considerada a mais apropriada entre os surdos que usam a língua de sinais;

Deficiente auditivo:

termo usado para se referir aos surdos a partir de perspectiva médica, sendo utilizado por surdos que não aprenderam a língua de sinais e são submetidos a oralização com exclusão da língua de sinais.

Identidade Surda:

diz respeito à identificação da pessoa dentro da comunidade surda, com sentimento de pertencimento ao grupo sociocultural de surdos de determinado local, região ou país, e até internacionalmente.



Imagem 1: representação ilustrativa de pessoa surda.

FENEIS:

é a sigla para Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos. Possui sede no Rio de Janeiro, mas presença nacional por meio dos seus escritórios regionais, tem como missão defender os direitos e garantir o exercício da cidadania dos surdos.

Comunidade Surda:

grupo de pessoas, surdas ou ouvintes, que compartilham os mesmos interesses e possuem como referência um local como associações de surdos, federações, espaços religiosos ou outros.



Imagem 2: representação ilustrativa de pessoa surda.

Povo Surdo:

grupo de sujeitos surdos que possuem em comum o reconhecimento da história, tradição, língua e cultura dos surdos. Pessoas que constroem sua concepção de mundo a partir da visão, e têm a Língua de Sinais como primeira língua.

Intérprete:

profissional que objetiva facilitar a comunicação entre duas línguas distintas. O intérprete pode fazer uso de duas formas de interpretação: de forma simultânea, quando o palestrante está

falando em Português e o intérprete traduz para a LIBRAS concomitantemente ou de forma consecutiva, quando o intérprete espera o palestrante concluir seu raciocínio e depois faz a interpretação para a Libras.



Imagem 3: representação ilustrativa de Comunidade surda.



Imagem 4: representação ilustrativa de Intérprete.

Tradutor:

profissional que realiza a tradução do material escrito em uma determinada língua para outra língua. O ato da tradução pode ser instantâneo ou não, por exemplo, uma dissertação em português para ser traduzida para Libras.

Diferença:

Qualidade que distingue um ser de outro. Contrário de igualdade. Nessa perspectiva, não há grupo de pessoas superior ou inferior, deficiente ou “normal”, apenas diferente. Os surdos assim se caracterizam porque entendem que a principal diferença entre eles e os ouvintes é a língua, não a condição biológica.



Imagem 5: representação ilustrativa de Tradutora.

Língua de Sinais:

se refere às línguas que usam as modalidade visual-espacial.



Língua Portuguesa:

para os surdos, a Língua Portuguesa é a segunda língua a ser aprendida e é extremamente útil para auxiliar na comunicação com os ouvintes e ter acesso às informações e conhecimentos produzidos historicamente.

Imagem 6: representação ilustrativa de Libras.

Gestos

movimento, principalmente da cabeça e dos braços, utilizados pela Língua de Sinais e pelas línguas orais.

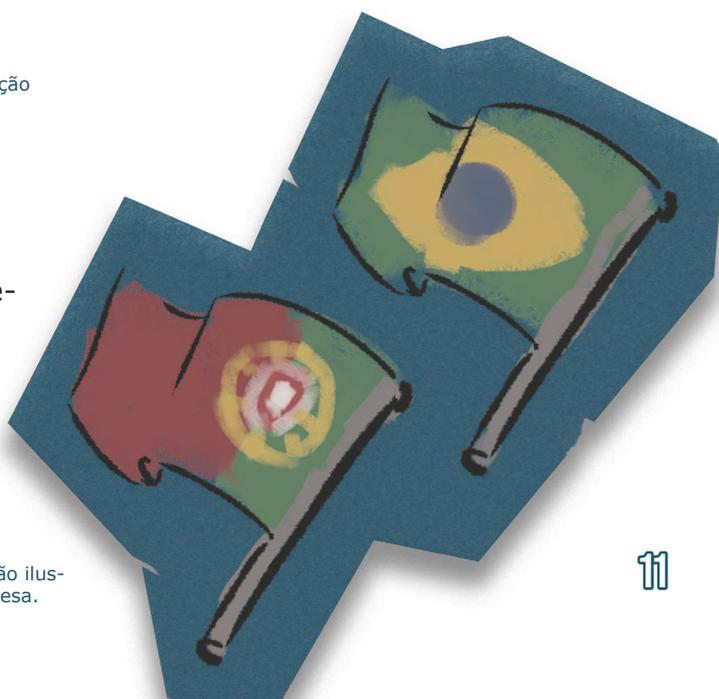


Imagem 7: representação ilustrativa da Língua Portuguesa.

Mímica:

movimentos da fisionomia que imitam o que quer se fazer compreender, podendo também ser expressos por movimentos do corpo. Não são a Língua de Sinais.

SignWriting /Escrita de Sinais:

Sistema de escrita da língua de sinais que objetiva facilitar a escrita para as crianças surdas. Por ser um sistema de escrita visual, facilita a compreensão pelas crianças surdas que utilizam a Libras. O sistema possui os Parâmetros da Língua de Sinais: orientação, configuração de mãos, locação, ponto de articulação e movimento. Os conceitos apresentados podem ajudar a entender quem são os sujeitos surdos, sendo que estamos abordando um grupo de pessoas que se diferencia pela língua. Na seção seguinte, vamos dar sequência sobre como é apresentada essa língua e conhecer um pouco sobre seus parâmetros e características.

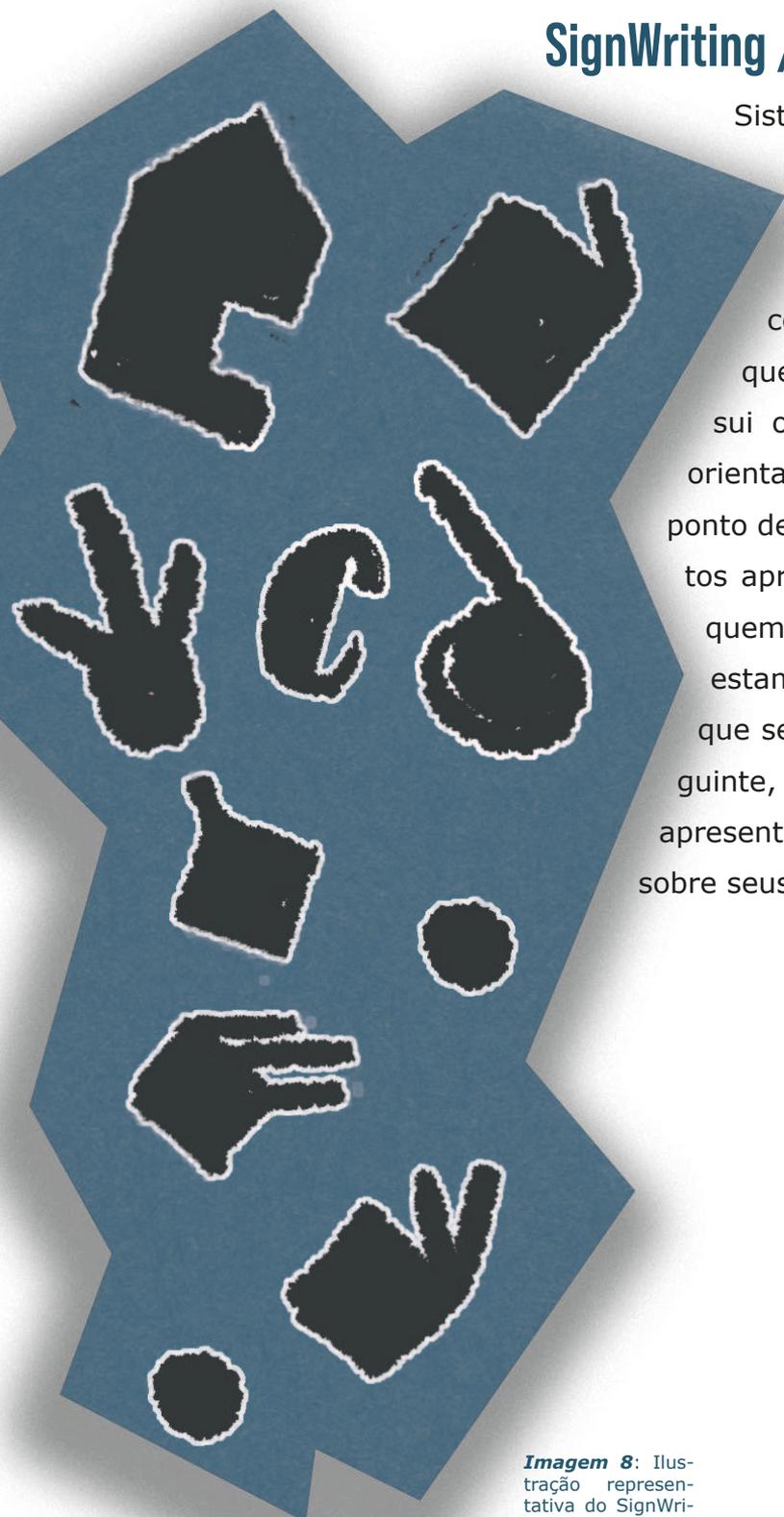


Imagem 8: Ilustração representativa do SignWriting.

1.2 Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS: conceitos básicos e seus parâmetros

Na realização das oficinas, cuja temática central era a surdez e a Libras, algumas reflexões se desencadearam. As discussões sobre a importância do uso de Libras na Educação dos Surdos norteou os diálogos, uma vez que sempre se partia de algumas visões equivocadas que alguns docentes tinham sobre a sua utilização e prática em sala de aula. Isso ocorria pela ausência de informações sobre estrutura e prática da Língua de Sinais. Abordaremos alguns aspectos básicos da Libras e suas configurações, colaborando para desmitificar alguns mitos e proporcionando informações sobre as características que a configuram como língua.

O que vem a ser Libras?

Você já observou alguma conversa entre surdos? Alguma vez já viu alunos surdos utilizando a Libras na escola? Mas o que seria essa Língua? Muitas vezes, falas equivocadas são ditas sobre a Libras, que é a segunda língua oficial do Brasil. Contudo não devemos confundir a Libras com uma linguagem, vejamos em que consiste a diferença entre Língua e Linguagem:

Linguagem:

“É um termo para se referir às diferentes manifestações de comunicação dos seres humanos”². A utilização desse termo para se referir a Libras deve ser encarada como um erro, pois esta última possui status de língua, à medida em que apresenta uma estrutura própria e não se configura apenas como uma forma de se comunicar aleatória.

Língua:

“é um sistema de signos convencionados e utilizados por todos que compõem uma mesma comunidade”³. O grupo social convencionada e utiliza um conjunto organizado de elementos representativos, que são apreendidos desde a infância e tornam o sujeito capaz de expressar suas ideias, desejos, necessidades.

² (Quadros, 2019, p.33)

³ (Schmitt, 2013, p.17)

No Brasil, em 2002, através da Lei nº 10.436/2002, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) foi reconhecida oficialmente como forma de comunicação usual da comunidade surda, sendo conceituada como a “ forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura própria, constitui um sistema linguísticos de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas”⁴. Destacamos alguns mitos, os quais são descritos por Quadros e Karnopp (2004) e Gesser (2013) com relação à Língua de Sinais, que pode ser observada também na Libras.

MITOS SOBRE LÍNGUA DE SINAIS

1. “É universal”

Haveria uma única e universal Língua de Sinais usada por todas as pessoas surdas.

A visão de que a língua de sinais seria uma única para todos os surdos do mundo é algo equivocado, cada país possui sua própria língua de sinais. “Não deve ser considerada um decalque ou rótulo que possa ser colado e utilizado por todos os surdos de todas as sociedades de maneira uniforme e sem influências de uso”.⁵



Imagem 9: representação ilustrativa de “universalidade”.



Imagem 10: representação ilustrativa de mímica.

2. Mímica e/ou gestos

A Língua de Sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos. As línguas de sinais permitem expressar e comunicar qualquer pensamento ou ideia. São considerados sistemas linguísticos organizados e com estruturas próprias.

⁴ Brasil (2002)

⁵ GESSER (2009, p.12)

3. “Derivadas e dependentes das Línguas Orais”

A Língua de Sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral

No entanto, a Libras possui uma estrutura gramatical própria e não possui dependência da língua oral, utiliza mecanismo linguísticos diferenciados.

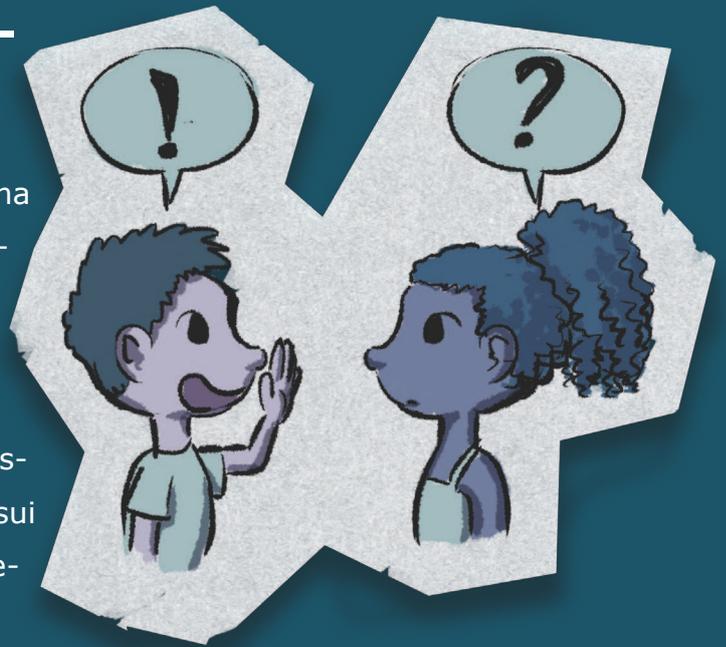


Imagem 11: representação ilustrativa do mito da derivação das línguas orais.



Imagem 12: representação ilustrativa de pessoa surda.

4. “Sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito”

As línguas de sinais possuem comunicação com conteúdo variados, ou seja, não há limites conteudísticos de qualquer ordem, tipo ou visualidade de uma conversação em sinais.

5. “As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual e espontânea dos ouvintes”

As Línguas de Sinais têm estrutura gramatical própria e são reconhecidas linguisticamente pela sua complexidade.



Imagem 13: representação ilustrativa de uma comunicação correspondida.

6. “As línguas de sinais, por serem representadas espacialmente, estariam representadas no hemisfério direito do cérebro”

Pesquisas demonstram que as línguas de sinais são processadas no hemisfério esquerdo, assim como quaisquer outras línguas.



Imagem 14: representação ilustrativa do hemisfério direito do cérebro.

1.3 Parâmetros da Libras

A estrutura da Libras é constituída de parâmetros primários e secundários que se combinam de forma sequencial ou simultânea. Ao tratarem sobre essa questão, Quadros e Karnopp (2004) destacam inicialmente os estudos de Stoken (1960) que propõe um esquema linguístico estrutural para analisar a formação dos sinais. Com isso, ele estabelece três principais aspectos ou parâmetros, identificados como: configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) e locação (L).

As autoras destacam ainda, que esses parâmetros foram definidos pelas pesquisas linguísticas como “[...] unidades mínimas (fonemas) que se constituem morfemas nas línguas de sinais, de forma análoga aos fonemas que constituem os morfemas nas línguas orais”⁶. Esses parâmetros juntos e interligados formam o morfema com um sentido, e assim, combinados formam signos em Libras. Vejamos a seguir os parâmetros da Libras:

Configuração das mãos:

É o aspecto em que as mãos modelam as diversas formas de realização de sinais. Nos estudos e pesquisas recentes, citados por Zancanaro Júnior (2018, p.41), é bem conhecida a proposta desenvolvida por Nelson Pimenta, em cujo material didático se identificam 61 configurações de mãos, (ver a Fi-

⁶ Quadros; Karnopp(2004, p. 49)

gura 1), expostas em um sistema similar à ASL⁷. Porém nem todas as línguas de sinais partilham o mesmo inventário.

Configuração de mãos



Imagem 15: Ilustração representativa de diversas configurações de mão.

⁷ Refere-se A Língua de Sinais Americana

Ponto de articulação:

É o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. Esses sinais realizados no espaço são de dois tipos, os que se articulam no espaço neutro diante do corpo e os que se aproximam de uma determinada região do corpo, como a cabeça, a cintura e os ombros.⁸



Imagem 16: representação ilustrativa de Ponto de Articulação.

Movimento:

O movimento que as mãos descrevem no espaço ou sobre o corpo, pode ser em linhas retas, curvas, sinuosas ou circulares, em várias direções e posições (BRITO, 1995 apud QUADROS; KARNOPP, 2004). As autoras, ao citarem Brito (1995), destacam que esses traços possuem tipo, direcionalidade, maneira e frequência no movimento. Descrevem, ainda, os movimentos como:

Movimentos direcionais podem ser unidirecionais, bidirecionais, ou multidirecionais, a maneira é a categoria onde a maneira é a categoria que descreve a qualidade, a tensão e a velocidade do movimento; a frequência refere-se ao número de repetições de um movimento. (BRITO, 1995 apud QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 55).

O movimento possui direções, maneiras e velocidades a serem inseridas durante a realização do sinal, e assume características específicas dependendo do sinal executado. Na Libras, os parâmetros primários demonstram uma organização própria sobre sua estrutura, sendo essencial que sejam

⁸ Brito(1995)

observados para que se possa realizar o sinal, sem que este seja conven-
cionado a uma junção de gestos, mas que se configure como uma forma de
expressão do surdo em sua língua de forma espontânea e natural. As pesqui-
sadoras Quadros e Karnopp (2004) elencam mais dois parâmetros fonológi-
cos da língua de sinais, a saber: orientação e expressões faciais/corporais (ou
expressões não manuais).

Orientação de Mão (Or):

Trata-se da “[...] direção para qual a palma da mão aponta na produção
do sinal”⁹ (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 59). Podemos exemplificar, por
exemplo, para frente, para trás, para determinado lado. Na Libras, segundo
Brito (1995) apud Quadros e Karnopp (2004), a orientação foi enumerada em
seis tipos: para cima, para baixo, para o corpo, para a frente, para a direita
ou para a esquerda.

Expressões Faciais/ Corporais (ou Expressões Não-Ma- nuais):

São as expressões consideradas por Quadros e Karnopp (2004) com base
nos movimentos da face, dos olhos, da cabeça ou tronco, que podem se de-
senvolver como marcação de construções sintáticas e diferenciação de itens.
As expressões não manuais marcam os tipos de frases: interrogativa, excl-
mativa, negativa e afirmativa. Assim, os sinais ou itens lexicais da Libras são
organizados a partir da combinação desses parâmetros que dão origem ao
sinal, e estes formam as frases em um contexto.

Na realização do sinal, não é necessária a presença dos cinco parâmetros.
Para exemplificar, podemos fazer sinais sem movimento e/ou sem expressão
facial e há sinais feitos apenas com expressões não manuais. Desse modo,
o conhecimento de uma língua não ocorre apenas pelo seu vocabulário, mas
sobre a conscientização de que é necessário conhecer e aprender as regras
de combinação desses elementos em uma frase a partir de um determinado
contexto.

A valorização da língua de sinais, as conquistas referentes ao reconheci-
mento desta, favoreceram a introdução de outras medidas, reivindicadas pela

⁹ Quadros; Karnopp (2004, p. 59)

comunidade surda, entre as quais, o acesso à educação e ao atendimento bilíngue, em que se prioriza a Libras como primeira língua. Entendemos que, para o desenvolvimento dessa língua, é necessário inseri-la em seu contexto cultural.

DICAS



FILME:

Sou Surda e Não Sabia.

Acesso em:

https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=-Vw364_Oi4xc&t=8s

Descrição: Por vários anos, Sandrine não sabia que era surda. Surda de nascença, ela é filha de pais ouvintes. Chegou a frequentar a escola regular, e lá se perguntava como os outros compreendiam o que a professora estava tentando transmitir. Como uma pessoa surda descobre que pessoas se comunicam através de sons, que o movimento dos lábios que eles veem produz palavras e comunicação? Direção: Igor Ochronowicz. Ano: 2009. País: França.



SITE:

A Vida em Libras/ Aula de Libras.

Acesso em:

http://tvines.org.br/?page_id=11431

Descrição: Séries de programas produzidos pela TV INES onde são apresentados sinais de Libras de forma contextualizada.

DICAS



VÍDEO 1

Os Surdos Têm Voz!

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Bcq6GPyMfPo>

Descrição: O surdo Leonardo Castilho aborda sobre o que é ser surdo e sobre como é viver em uma sociedade que trata o surdo de forma estereotipada. Ele ainda aponta a necessidade de se perceber o surdo como pessoa completa que possui sua própria língua. Enfim, desmistifica o ser surdo.



VÍDEO 2

Somos diferentes de você?

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=efudeZSsMs8>

Descrição: Esse vídeo foi produzido por Gabriel Isaac, surdo, desde o roteiro às filmagens e edição final, com a ajuda de muitas pessoas. Relata que por trás de alguém que não escuta e se comunica com as mãos, existe um profundo contexto de histórias, identidades, comunidade, cultura, línguas e lutas. Um contexto que não deveria ser rotulado apenas pela sua superfície e que deve ser respeitado pela sociedade. Os surdos geralmente não são considerados como indivíduos únicos, que participam da sociedade tanto quanto qualquer outra pessoa. Destaca que o Dia do Surdo não é para comemorar a surdez, mas para lembrar das lutas pelos direitos das pessoas surdas e dos deficientes auditivos.

UNIDADE 2:

EDUCAÇÃO DE SURDOS



2.1 História da Educação de Surdos

A compreensão de que a surdez não é apenas uma deficiência e de que devemos entendê-la principalmente como diferença, respeitando o surdo como sujeito que possui identidade e cultura, como pessoas que se comunicam com língua própria, diferentes dos ouvintes, deve ser observada por todos os que estão envolvidos no processo de inclusão. Objetivamos, nesta seção, propor um caminho para conhecer a história dos surdos, suas conquistas e os fatos importantes que ocorreram para a construção dessa comunidade.

Dessa forma, abordaremos algumas datas importantes para a construção da história do povo surdo, com base em estudos de Strobel (2009), Zacarano Junior(2018), Goldfeld(2002):

Idade Antiga

Os surdos foram percebidos de forma variada: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, sendo, por vezes, abandonados ou sacrificados.

Na Roma antiga, os surdos não eram aceitos, porque achava-se que eram pessoas castigadas ou enfeitiçadas. A questão era resolvida por meio do abandono ou com a eliminação física – jogava-se os surdos no rio Tíger. Só se salvavam aqueles que do afogamento conseguiam sobreviver ou aqueles cujos pais os escondiam, o que era muito raro e também fazia-se os surdos de escravos obrigando-os a passar toda a vida dentro de moinho de trigo, empurrando a manivela.

Na Grécia, os surdos eram considerados inválidos e muito incômodos para a sociedade, por isso eram condenados à morte – lançados abaixo do topo de rochedos como o Taygète, nas águas de Barathere. Os sobreviventes viviam miseravelmente como escravos ou abandonados à própria sorte.

O filósofo Hipócrates (470 a.C) associou a clareza da palavra com a mobilidade da língua, mas nada falou sobre a audição. Heródoto classificava os surdos como “Seres castigados pelos deuses”. Sócrates perguntou ao seu discípulo Hermógenes: “Suponha que nós não tenhamos voz ou língua, e queiramos indicar objetos um ao outro. Não deveríamos nós, como os surdos-mudos, fazer sinais com as mãos, a cabeça e o resto do corpo?” Hermógenes respondeu: “Como poderia ser de outra maneira, Sócrates?” (Cratylus de Plato, discípulo e cronista, 368 a.C.).

Para os povos do Egito e da Pérsia, os surdos eram considerados como criaturas privilegiadas, enviados dos deuses, porque acreditava-se que eles se comunicavam em segredo com os deuses. Havia um forte sentimento humanitário e de respeito, protegia-se e tributava-se aos surdos a adoração no entanto, os surdos tinham vida inativa e não eram educados.

Idade Média

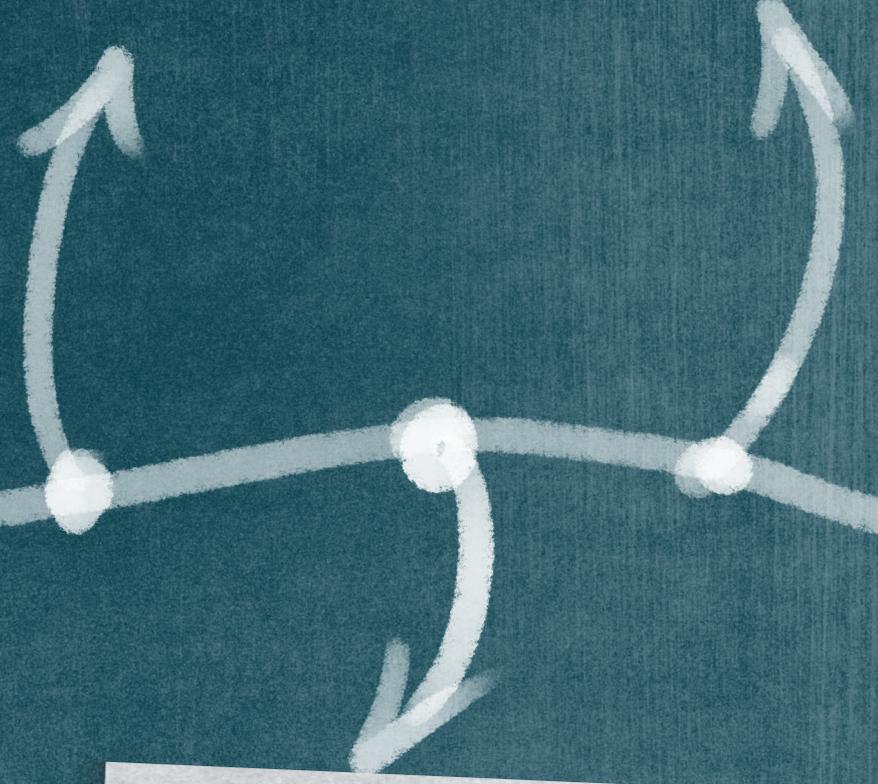
Não se dava tratamento digno aos surdos, pelo contrario, colocava-os em imensa fogueira. Os surdos eram sujeitos estranhos e objetos de curiosidades da sociedade. Aos surdos eram proibido receberem a comunhão porque eram incapazes de confessar seus pecados, também haviam decretos bíblicos contra o casamento de duas pessoas surdas só sendo permitido aqueles que recebiam favor do Papa. Também existiam leis que proibiam os surdos de receberem heranças, de votar e enfim, de ter acesso aos direitos como cidadãos. (Strobel,2009,p.19)

Idade Moderna

Com o advento do Renascimento, há uma mudança na concepção da surdez e com isso surgem as primeiras tentativas para uma educação das pessoas surdas e aquisição de alguns direitos.

Destacaremos os principais representantes e os fatos que influenciaram esse período:

Pedro Ponce de Leon(1520-1584):na Espanha, o monge beneditino criou a primeira escola para surdos em um monastério de Valladolid. Desenvolveu uma metodologia de educação de surdos que incluía datilologia (representação manual das letras do alfabeto), escrita e oralização.



Giordano Cardano (1501-1576): italiano que teve interesse pelo estudo do ouvido, nariz e cérebro, elaborou um código, mas sem prática. Destacou que o surdo deveria ser educado e instruído.

Juan Pablo Bonet (1579-1623) também espanhol, iniciou a educação com treinamento da fala e o uso de alfabeto dactilologia, teve tanto sucesso que foi nomeado pelo rei Henrique IV como "Marquês de Frenzo". Escreveu o primeiro livro sobre a educação de surdos em que expunha o seu método oral, "Reduccion de las letras y arte para enseñar a hablar a los mudos", no ano de 1620 em Madrid, Espanha. Defendia também o ensino precoce de alfabeto manual aos surdos

Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), primeiro professor de surdos na França, orilizou a sua irmã surda e utilizou o ensino de fala e de exercícios auditivos com os surdos.

John Bulwer (1614-1684) publicou "Chirologia e Natural Language of the Hand" acreditava que a língua de sinais era universal e seus elementos constituídos icônicos. Em 1648 publicou o livro Philocopus, afirmava que a língua de sinais era capaz de expressar os mesmo conceitos que a língua oral.

Idade Contemporânea

No século XVIII, entre 1760 e 1880, a história da educação de surdo se configura a partir de três influenciadores, Charles-Michel de l'Épée, Samuel Heinicke e Thomas Braidwood, que criaram as escolas para surdos em países distintos da Europa, com três propostas diferentes sobre a língua usada

Thomas Hopkins Braidwood (1760), que ensinava aos surdos os significados das palavras e sua pronúncia e a leitura orofacial, abriu a primeira escola para surdos na Inglaterra.

Século XVIII

Samuel Heinicke (1729-1790): alemão considerado pai da filosofia oralista, filosofia que acredita ser o ensino da língua oral o ideal para que o surdo se integresse à comunidade em geral.

Fundou a primeira escola baseada no método oral.

Charles Michel de l'Épée (1712-1789), o abade francês, se aproximou dos surdos que perambulavam pelas ruas de Paris, aprendendo com eles a língua de sinais. Criou os Sinais Metódicos, combinação da língua de sinais com a gramática de surdos e transformou sua casa em escola pública. O abade fundou a primeira escola pública para os surdos, o Instituto para Jovens Surdos e Mudos de Paris, e treinou inúmeros professores para surdos. Publicou sobre o ensino dos surdos e mudos por meio de sinais metódicos a obra: A verdadeira maneira de instruir os surdos-mudos adicionando as regras sintáticas e também o alfabeto manual inventado por Pablo Bonnet. Esta obra foi mais tarde completada na parte teórica pelo abade Roch-Ambroise Sicard. Em 1789, o abade de l'Épée morre. Na ocasião de sua morte, ele já tinha fundado 21 escolas para surdos na França e na Europa.

Alexander Melville Bell:era professor de surdos e pai do célebre inventor de telefone, Alexander Graham Bell. Inventou um código de símbolos chamado "Fala visível" ou "Linguagem visível", sistema que utilizava desenhos dos lábios, garganta, língua, dentes e palato, para que os surdos repetissem os movimentos e os sons indicados pelo professor.

Alexander Graham Bell (1847-1922), nascido nos Estados Unidos, dedicou-se aos estudos sobre acústica e fonética.

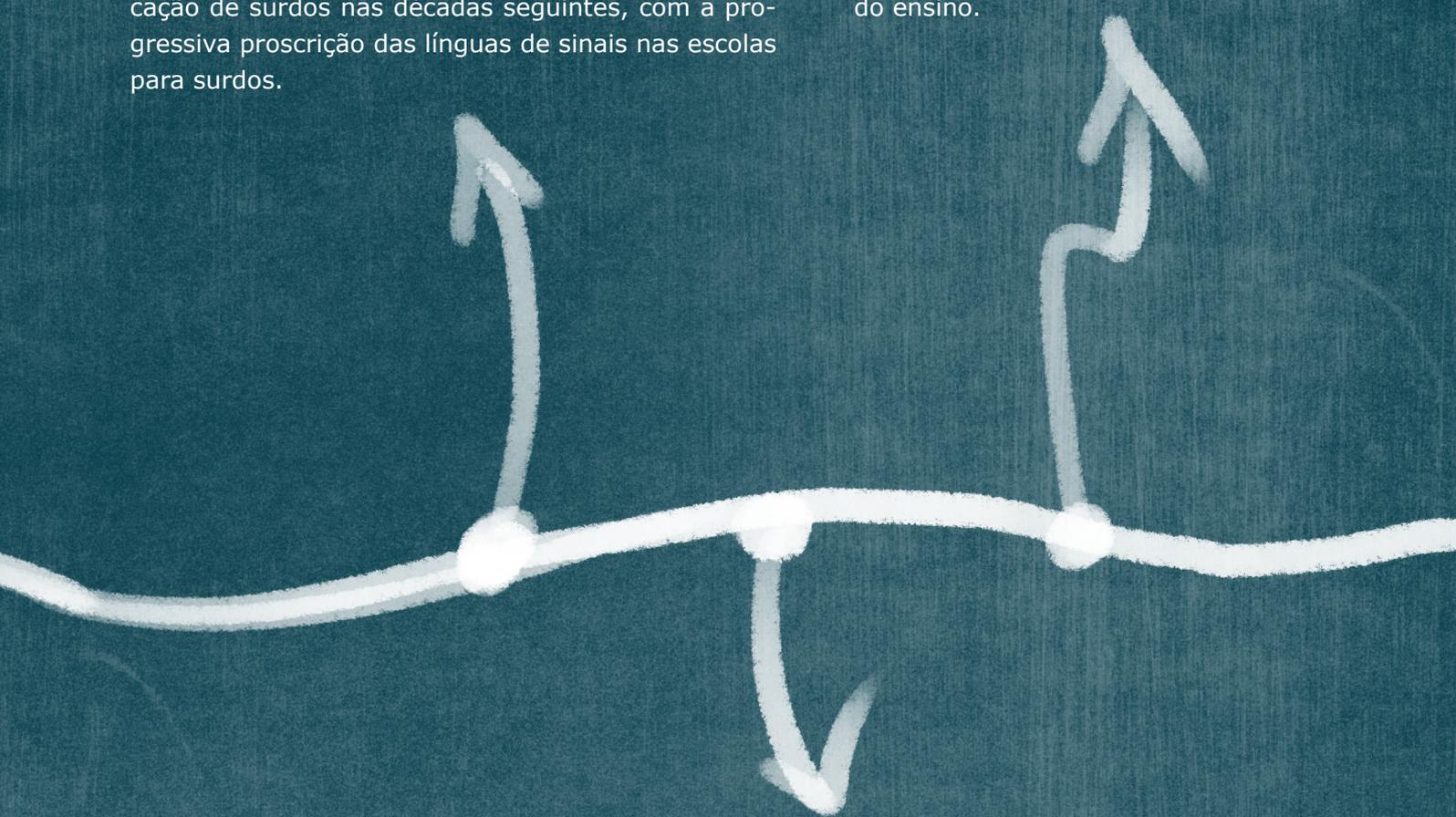
Século XIX

Thomas Hopkins Gallaudet (1787-1851):Em Hartford, nos Estados Unidos, observava as crianças brincando no seu jardim quando percebeu que uma menina, Alice Gogswell, não participava das brincadeiras por ser surda e era rejeitada das demais crianças. Gallaudet ficou profundamente tocado pelo mutismo da Alice e pelo fato de ela não ter uma escola para frequentar, pois na época não havia nenhuma escola de surdos nos Estados Unidos. Viajou a Inglaterra em busca de conhecimento sobre metodologias, e chegou a procurar os Braidword (responsáveis pelo método oralista), que se recusaram a ensinar e como opção se dirigiu ao método manual. Em 1817 acompanhado por Laurent Clerc, alunos do abade L'Epée, fundou a primeira escola permanente para surdos nos E.U.A.

O início da história da educação de surdos no Brasil ocorreu por volta de 1855, com uma escola que é referência na área até os dias atuais. A escola foi fundada por Dom Pedro II, que convidou um professor francês, da época, Eduardo Huet, para lecionar aos surdos brasileiros nessa instituição. Inicialmente a escola chamava-se Império Instituto de Surdos-mudos, denominação que depois foi alterada para Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). A metodologia utilizada pelo docente, naquele período, mesclava a língua de sinais francesa com sinais usados no Brasil

Próximo ao final do século, em 1880, foi realizado o II Congresso Internacional sobre a Educação de Surdos, em Milão, no qual o método oralista foi considerado o mais adequado às pessoas surdas. Como decisão, foi proibida a utilização da língua gestual no ensino. Essas resoluções balizaram a educação de surdos nas décadas seguintes, com a progressiva proscricção das línguas de sinais nas escolas para surdos.

Em 1880, ocorreu o Congresso de Milão, de 06 a 11 de setembro. Nele reuniu-se uma grande quantidade de profissionais ouvintes, sem a participação de professores surdos. Como decisão, optaram por excluir a língua gestual do ensino.



Nasce Hellen Keller, em Alabama, Estados Unidos. Ela ficou cega, surda e muda aos 2 anos de idade. Aos 7 anos foi confiada à professora Anne Mansfield Sullivan, que lhe ensinou o alfabeto manual tátil (método empregado pelos surdos-cegos). Hellen Keller obteve graus universitários e publicou trabalhos autobiográficos.

Século XX

Com a corrente oralista predominando, os surdos são impedidos de utilizar a língua de sinais, mesmo sendo punidos e às vezes sendo amarradas suas mãos procuravam utilizar a língua de sinais de forma secreta.

No final do século, por força dos movimentos pela inclusão social e educacional das pessoas com deficiência, foram adotadas políticas públicas e ações que resultaram na ampliação da acessibilidade para os surdos.

Em 1960, Willian Stokoe publicou *Language Structure: na Outline of the Visual Communication System of the American Deaf*, afirmando que ASL é uma língua com todas as características da língua oral. Essa publicação foi uma semente para todas as pesquisas que floresceram nos Estados Unidos e na Europa.

Após a Segunda Guerra Mundial, intensificou-se a mobilização de surdos por seus direitos linguísticos e culturais. Nesse sentido, em 1951, foi fundada a Federação Mundial de Surdos (World Federation of the Deaf – WFD), à qual filia-se a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (Feneis), que, desde a década de 1980, é referência na defesa de políticas em prol da comunidade surda no Brasil.

Em 1997, a Closed Caption (acesso à exibição de legenda na televisão) foi iniciada pela primeira vez no Brasil, na emissora Rede Globo, durante o Jornal Nacional, no mês de setembro.

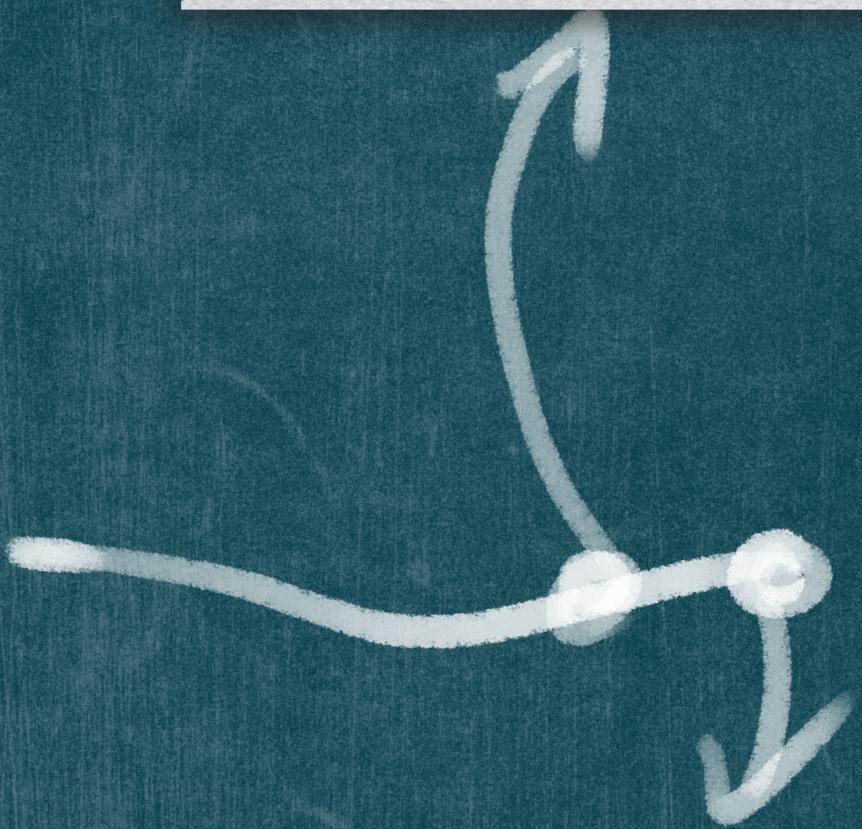
Século XXI

Em 2002, foi sancionada, no Brasil, a Lei 10.436, que reconhece oficialmente a Libras, regulamentada pelo Decreto 5.626, de 2005. Em 2002, inicia-se a formação de agentes multiplicadores Libras em Contexto MEC/Feneis.

Em 2017, o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi realizado com o uso de vídeo-prova para os candidatos surdos, na qual as informações e as perguntas foram apresentadas em Libras.

2010: Regulamentação da profissão tradutor intérprete de Libras pela Lei nº 12.319 de 1º de setembro. Os movimentos organizados de Favor da Educação e Cultura Surda reivindicaram por escolas bilíngues em 2011 com passeata em Brasília.

2020 ficou marcado pela publicação do Decreto Nº 10.502/2020, 30 de setembro, que Institui que versa sobre a Política Nacional de Educação Especial: Equitativa, Inclusiva e com Aprendizado ao Longo da Vida. A educação bilíngue será aplicada em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos. O público a ser atendido será de educandos surdos, surdocegos, com deficiência auditiva, sinalizastes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com deficiências.



2021- ano em que é promulgada a Lei nº 14.191/2021, que insere a Educação Bilíngue de Surdos, na Lei Brasileira de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB - Lei nº 9.394/1996), como uma modalidade de ensino independente.

Fonte: Construído pela autora, baseado em Strobel (2009), Zacario Junior(2018); Goldfeld(2002).

2.2 Filosofias Educacionais na Educação de Surdos

Ao longo da História, de acordo com o período vivenciado, a educação de surdos foi influenciada pelas filosofias educacionais. Com isso, passou tanto por transformações, como por ações discriminatórias que, muitas vezes, beneficiaram a maioria ouvinte, que exercia seu poder no âmbito educacional.

No entanto, algumas abordagens teórico-metodológicas foram sendo adotadas com o objetivo de ensinar as pessoas surdas. Tais abordagens pressupõem concepções pedagógicas distintas com relação à escolarização de estudantes surdos, seja na escola comum ou na escola especial. Isso acontece por conta das percepções sobre o estudante surdo passarem pelo aspecto cultural e pelos diferentes olhares que perpassam o campo da Educação Especial.

A seguir, destacamos três abordagens e características estabelecidas para o desenvolvimento da escolarização de pessoas com surdez: o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo.

Oralismo

O surgimento e implantação do oralismo ocorreu após aprovação no Congresso de Milão, realizado em 1988. O seu mais importante defensor foi Alexander Graham Bell, o inventor do telefone. Essa abordagem educacional visava à integração da criança surda na comunidade ouvinte, dando-lhe condições de desenvolver a língua oral.¹⁰



Imagem 17: representação ilustrativa de Ponto de Oralismo.

¹⁰ Goldfeld (2002, P. 33).

No oralismo, a visão do sujeito surdo assumiu outra vertente, fundamentada, de acordo com Quadros (1997, p. 20), “[...] na recuperação da pessoa surda, chamada de deficiente auditivo, que enfatiza a linguagem oral em termos terapêuticos”. Desse modo, a visão de normalidade adentra a educação de surdos, comparando-os aos ouvintes e exigindo deles a oralização.

Com o oralismo, fica proibida a utilização da Libras. O processo de oralização deveria ser realizado em todos os ambientes. Na perspectiva do oralismo, a criança deveria entrar em contato com a necessidade de oralização desde a mais tenra idade e ser submetida a um processo de reabilitação que iniciaria-se com a “[...] estimulação auditiva e que consiste no aproveitamento dos resíduos auditivos para possibilitá-la de discriminar os sons que ouve. Algumas metodologias eram utilizadas para chegar à compreensão da fala, como: a leitura orofacial e a vibração corporal.¹¹

A comunidade surda não se adaptou a essa educação voltada para a linguagem oral, pelo motivo de não se comunicarem de forma igual aos alunos ouvintes. Nesse sentido, mesmo sendo obrigados a praticarem a oralidade, continuaram a utilizar a língua de sinais. O Oralismo vai predominar como única e exclusiva abordagem educacional por quase 100 anos. Ao final desse período, o fracasso acadêmico era maior que o sucesso desses estudantes.

Assim, posteriormente, surgiu a filosofia da Comunicação Total, proposta sugerida para que os surdos pudessem utilizar toda e qualquer forma de comunicação, conforme apresentamos a seguir.

Comunicação Total

A comunicação total surgiu no anos 60, como a filosofia que se preocupa com os processos comunicativos entre surdos e surdos e entre surdos e ouvintes. Nessa proposta, havia preocupação com a língua oral, porém eram observados outros fatores que poderiam contribuir para a aprendizagem, como a utilização de recursos espaço-viso-manual para facilitar a interação.¹² A comunicação total vem com uma nova visão sobre a pessoa surda, deixando a visão patológica para compreender a surdez como uma marca que repercute nas relações sociais. Essa proposta utilizava diversas estratégias para sua realização, como destacamos a seguir:

¹¹ Albres (2005, P. 31).

¹² Goldfeld (2002, p.38).



Imagem 18: Diagrama representando comunicação total.
Fonte: Construído pela autora segundo Goldfeld (2002).

Na comunicação total, ocorre a utilização de várias estratégias, como a língua de sinais, língua oral, leitura labial, treino auditivo, alfabeto manual, aparelhos de amplificação sonora e todas as formas de comunicação possíveis de serem utilizadas na educação de surdos. A importância da família também era observada, a qual deveria compartilhar seus valores e significados, formando juntos a sua subjetividade através da comunicação.

No Brasil, a comunicação total foi adotada em algumas clínicas e escolas. Citamos, aqui, a escola Concórdia, em Porto Alegre, e algumas turmas do Instituto Nacional de Educação de surdos (Ines), que adotaram essa filosofia. Foi observado que a comunicação total demonstrou maior eficácia sobre o

oralismo, especialmente por levar em consideração aspectos do desenvolvimento infantil e a participação dos pais ouvintes na educação dos filhos surdos.¹³ Porém, nessa proposta, não é encontrada uma apreciação pela língua de sinais, deixando refletir em sinalizações sem sentido apenas um português sinalizado, desvalorizando a estrutura própria da linguagem de sinais e seus aspectos culturais.

Bilinguismo

A proposta do Bilinguismo surgiu na década de 80. O Bilinguismo é, segundo Quadros (1997, p. 26), “uma proposta de ensino usada por escolas que se propõem a tornar acessível à criança duas línguas no seu contexto escolar”. Essa abordagem possibilita ao surdo acessar duas línguas no contexto educacional, pois considera a linguagem de sinais como língua natural do surdo e, a partir disso, propõe o ensino da língua escrita. Para a autora, essa abordagem é a mais adequada ao aluno com surdez.

Portanto, o modelo bilíngue de educação de surdos propõe que sejam ensinadas duas línguas, a língua de sinais e, secundariamente, a língua do grupo majoritário. A língua de sinais é considerada a mais adaptada à pessoa surda, por contar com a integridade do canal viso gestual. Isso, porque as interações podem fluir nesse sistema. A criança surda é exposta então, o mais cedo possível, à língua de sinais, e aprende a sinalizar tão rapidamente quanto as crianças ouvintes aprendem a falar.¹⁴

Observamos que nessa abordagem, a língua de sinais se torna a primeira língua do estudante surdo. Em decorrência disso, a aquisição da Língua Portuguesa ocorre posterior a ela. Esse fator é relevante, pois oferece um ambiente mais acolhedor para atender às especificidades linguísticas do surdo, dando possibilidades para que este se desenvolva de forma integral. A proposta de uma escola bilíngue é desafiadora e requer comprometimento social e ações adequadas às especificidades linguísticas dos estudantes surdos. Dessa forma, precisamos defender a construção de uma educação bilíngue sem discriminações e sem barreiras, a partir de uma abordagem educativa adequada à pessoa surda, que promova realmente uma educação inclusiva.

¹³ Goldfeld (2002, p.42)

¹⁴ Lacerda (2008, p. 79)

2.3 Cultura Surda e seus artefatos

A cultura surda tem seus fundamentos no contato entre as pessoas surdas, por meio de sua língua. No que se refere à área da surdez, a cultura representa as peculiaridades dos sujeitos surdos, como as histórias, os costumes, os hábitos e, principalmente, a língua partilhada por estes, a língua de sinais, elemento constitutivo da subjetividade e do sentido da cultura surda. Assim, vamos conhecer alguns conceitos sobre cultura surda

Strobel(2009): *"a cultura surda é influenciada pelo "jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais".*

Perlin e Reis (2012, p. 35): *"A cultura surda serve para dizer ao mundo que não há uma cultura única, hegemônica, baseada em valores iluministas, ou em valores imperialistas vigorantes. Não somos portadores de uma cultura menor que a cultura ouvinte. Somos portadores de uma cultura que se ergue e que supera aos poucos o desconhecimento social e se dilui no cotidiano dando a conhecer sua existência."*

Barbosa et al (2019,p.12): *"é um conjunto de costumes daqueles que entendem o mundo de uma forma muito diferente da grande maioria, sendo que para a pessoas surdas o mundo acontece através da visão, tato, olfato e paladar."*

A cultura da qual o surdo faz parte é representada por sua identidade, com uso da língua de sinais pela sociedade surda e pelo contexto de comunicação visual espacial. Salientamos a necessidade de chamar atenção sobre o contato com a comunidade surda, haja vista que essa interação não deve ser efetivada apenas através de sua língua, mas com o conhecimento sobre seus artefatos culturais. Portanto, tais artefatos devem ser respeitados, pois além do vocabulário em Libras, manter relações de respeito e conhecimento

sobre contexto cultural dos surdos, deve fazer parte de qualquer tentativa de favorecerá o entrosamento com a comunidade surda. Vejamos os artefatos culturais que fazem parte da cultura surda assados em Strobel(2009) Barbosa et al(2021):

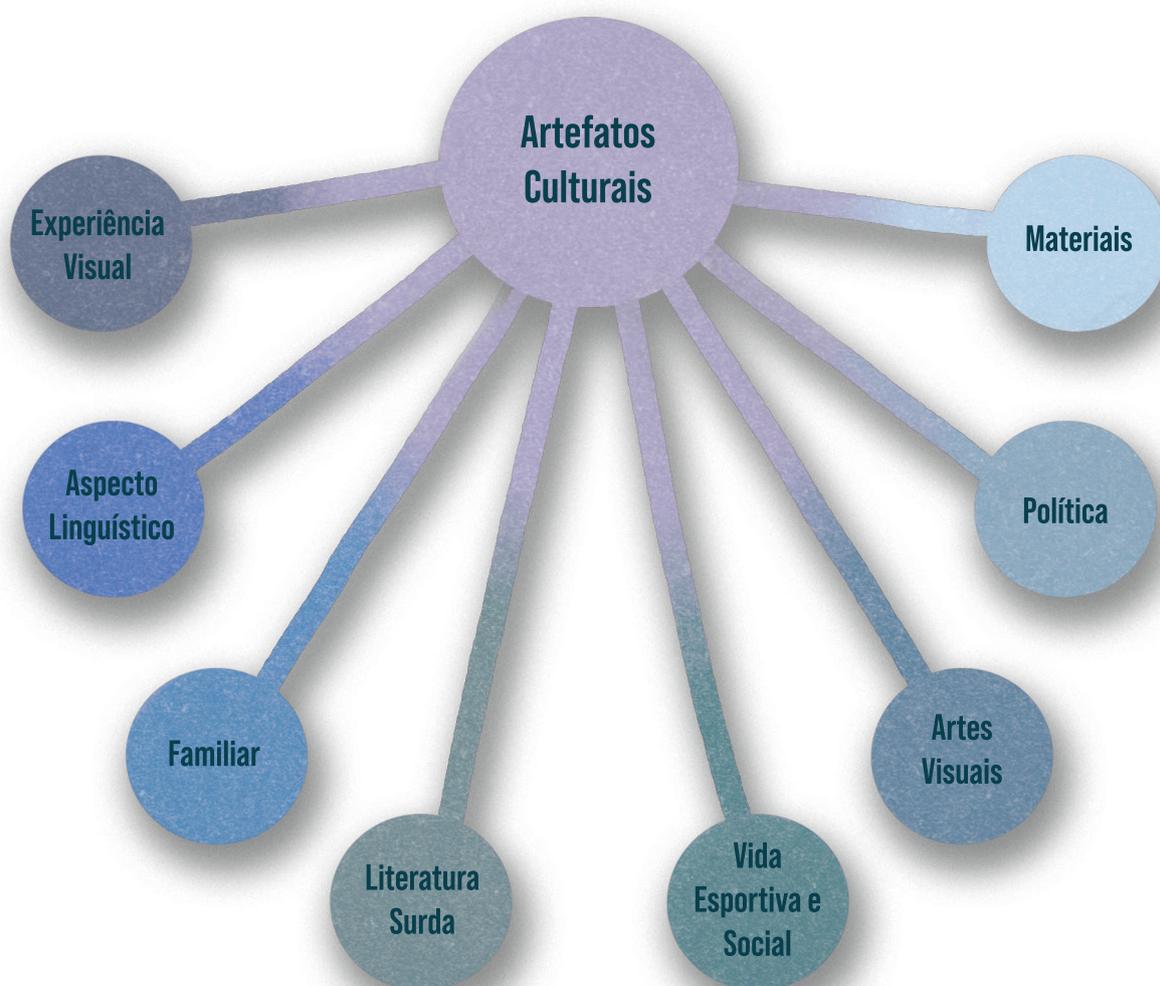


Imagem 19: Diagrama de Artefatos Culturais.
Fonte: Elaborado pela autora, de acordo com Strobel (2009).

Iniciamos o tópico sobre os artefatos culturais, destacando as **Experiências visuais** que se constituem como um fator importante para compreensão de mundo pelo sujeito surdo e como esse mundo é apresentado a este sujeito. São as experiências visuais que possibilitam a percepção do mundo por meio da visão, A visualização é a forma como o surdo terá acesso à comunicação. A abordagem de uma pedagogia visual deve ser parte integrante de um currículo escolar dos estudantes surdos, pois a partir dessa experiência

deve ser parte integrante de um currículo escolar dos estudantes surdos, pois ,a partir dessa experiência visual, podem compreender, fazer parte do processo e estabelecer interações, isso se dá com a utilização de uma língua visoespacial.

O segundo artefato é o **linguístico**, que faz referência à utilização das línguas de sinais, enquanto meio de comunicação do povo surdo. Destacamos uma das conquistas da comunidade surda brasileira que foi a legalização da Libras como língua natural, o que colaborou para a inclusão do estudante nas escolas regulares, especialmente, após ser introduzida como parte da formação de futuros professores. No ano de 2002, a Lei 10.436/2002 reconheceu a Libras como meio legal de comunicação e de expressão da comunidade surda brasileira.

O direcionamento da questão dos artefatos à **Família** tem relação com o fato de mais de 90% das crianças surdas nascerem em lares ouvintes, o que traz implicações negativas, tanto para a construção da identidade surda de tais Sujeitos, quanto para a aquisição da língua de sinais.



Imagem 20: Representação ilustrativa de Família.



Imagem 21: Representação ilustrativa de pessoa surda lendo.

A **Literatura surda** compreende a criação de obras literárias por surdos, utilizando a língua de sinais e a escrita de sinais. Algumas obras foram traduzidas para a Libras, como pode ser verificado na seção Dicas.

Já, na **vida social**, os artefatos fazem referência aos diversos processos interacionais desenvolvidos pelos surdos por meio de associações e organizações

institucionais diversas.

O artefato referente à **vida esportiva** relaciona-se às práticas desportivas e competitivas organizadas e desenvolvidas somente por sujeitos surdos que, por muitos séculos, foram excluídos das práticas desportivas desenvolvidas por ouvintes. Com as associações de surdos, iniciou-se os movimentos da prática esportiva, que passa a ser ofertada durante as reuniões e encontros dos surdos, permitindo a essas associações promover encontros e torneios entre os surdos e suas comunidades espalhadas em todo o Brasil em

competições internacionais. A Confederação Brasileira de Desportos de Surdos – CBDS é a entidade máxima do esporte surdo no Brasil. Além das competições, essa Confederação participa, apoia e

promove atividades socioeducativas com objetivo de orientar surdoatletas, familiares e profissionais, descobrir talentos, fortalecer as entidades locais e ampliar a prática regular e saudável de atividades físicas entre surdos.¹⁵

Dentre as várias competições que são realizadas destacamos a Surdo Olimpíadas.

Este é um evento multidesportivo internacional, organizado pelo Comitê Internacional de Esportes para Surdos (ICSD International Committee of Sports for the Deaf).

Imagem 22: Representação ilustrativa das Surdolimpíadas.

A primeira edição, realizada em Paris em 1924, foi também o primeiro evento esportivo para pessoas com necessidades especiais. Os primeiros jogos, conhecidos como Jogos Internacionais do Silêncio, foram realizados em 1924 em Paris com a participação de atletas de nove nações europeias participando. Os jogos foram uma criação de Eugène Rubens-Alcais, que também era surdo e presidente da Federação Francesa de Esportes Surdos.¹⁶

¹⁵ Site oficial da CBDS disponível em < <https://www.cbds.org.br/cbds/eventos> >

¹⁶ Blog Escute melhor disponível em < <https://escutemelhor.com.br/2021/07/16/as-surdolimpiadas/> > acesso em 10/09/2022.

Nas **Artes visuais** , os artefatos compreendem a produção artística do povo surdo. Já a **Política** compreende os movimentos políticos desenvolvidos pelos surdos em busca do reconhecimento de seus direitos linguísticos, culturais, educacionais e identitários.

Sendo o artefato sobre **materiais**, que se referem às diversas tecnologias desenvolvidas com o objetivo de proporcionar a acessibilidade ao povo surdo. Abaixo temos alguns aparelhos, como o aparelho de amplificação sonora individual –AASI e o implante coclear que proporcionam aos deficientes auditivos acessibilidade ao sons e ruídos, sendo que alguns deficientes auditivos não utilizam a Libras e optam pela oralização.

Desta forma, é oportuno destacar que identidade da pessoa surda deve ser respeitada, bem como a utilização pela forma de comunicação.

O implante coclear é a implantação de uma equipamento eletrônico computadorizado que substitui de forma interna o ouvido. Ele estimula diretamente o nervo auditivo através de pequenos eletrodos que são colocados na orelha interna, dentro da cóclea.¹⁷ Abaixo, temos dois dos aparelhos que são utilizados para compreensão dos sons e da fala humana.



Imagem 23: Representação ilustrativa de pessoa pintando (Artes Visuais).



Imagem 24: Implante colclear



Imagem 25: Aparelhos de Amplificação Sonora Individual-AASI

¹⁷ Honora(2014).

Muitos recursos tecnológicos estão acessíveis devido a modificações dos meios de comunicação. Com o avanço da internet e dos celulares, viabilizaram-se várias possibilidades de comunicação. Vejamos alguns aplicativos de tradução:



Figura 1: https://www.anacom-consumidor.pt/pesquisa?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximize-d&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_returnToFullPageURL=%2Froaming&_101_assetEntryId=498482&_101_type=content&_101_urlTitle=hand-talk-tradutor-para-libras-lingua-brasileira-de-sinais-&inheritRedirect=true



Figura 2: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lavid.vlibrasdroid&hl=pt_BR&gl=US



Figura 3: https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.icts.rybenatorandroid&hl=pt_BR&gl=US

Os aplicativos de tradução mais utilizados atualmente são os citados acima, o Hand talk tem o personagem virtual/intérprete chamado Hugo, ele é um tradutor mobile para smartphones e tablets, que converte, em tempo real, conteúdos em português para Libras. Para funcionar, esse aplicativo precisa estar conectado à internet, ele tem, ainda, a vantagem de estar disponível para download gratuitamente. O VLIBRAS foi lançado pelo Ministério do Planejamento, pode ser acessado de forma gratuita, é composto de um conjunto de páginas da internet com ferramentas utilizadas na tradução automática do Português para a Língua Brasileira de Sinais. Outro aplicativo, o Rybená funciona de forma compatível com os principais navegadores, seja

para computadores ou dispositivos móveis. Completamente nacional, é capaz de traduzir textos do português para Libras e de converter o português escrito para voz. Os aplicativos de tradução podem auxiliar na comunicação com os estudantes surdos, favorecendo o processo de interação com os colegas de sala e também possibilita ao professor conhecer algumas palavras em Libras.

DICAS



LIVRO:

História da educação de Surdos.

Descrição: Para você aprofundar as discussões trazidas até o momento, leia o Capítulo 1, de Estudos Surdos II: Histórias dos Surdos: representações “mascaradas” das identidades surdas, escrito por Karin Lilian Strobel. Você encontra essa obra para impressão ou download, no site da Editora Arara Azul.



LIVRO:

Tenho um aluno surdo agora?

Descrição: coletânea vencedora do Prêmio Jabuti de literatura, organizada por Cristina Broglia Feitosa de Lacerda e Lara Ferreira dos Santos, reúne artigos que exploram de modo claro e dinâmico informações básicas a respeito dos surdos e, em particular, da Língua Brasileira de Sinais.

¹⁸ Pietzak(2019)



LEITURA

História sobre o congresso de Milão

Acesso em:

<https://www.letraria.net/wp-content/uploads/2018/09/0-congresso-de-Mil%C3%A3o-HQ-Letraria.pdf>

Descrição: A história em quadrinhos criada por Luiz Gustavo Paulino de Almeida, com orientação da Profa. Dra. Kelly Priscilla Lóddo Cezar, refere-se a um trabalho original que foi desenvolvido em nível de pesquisas vinculadas ao curso de Licenciatura Letras Libras da Universidade Federal do Paraná. A HQ teve como fonte de inspiração o Congresso de Milão de 1880, período de opressão na cultura surda, que gerou danos educacionais. É importante salientar que até hoje lutamos para minimizar os conceitos errôneos que ainda advêm desse período.



LEITURA

Educação de surdos no Brasil

Acesso em:

https://www.editora-arara-azul.com.br/cadernoacademico/007_teseneiva.pdf

Descrição: a dissertação: A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciadores, da autora Neiva de Aquino Albres, destaca publicações do MEC (1979, 1997, 2002) nas quais se apresenta propostas curriculares e orientações metodológicas destinadas a alunos com surdez.



LEITURA

Libras? Que língua é essa?

Descrição: Da autora Audrei Gesser, esse livro desfaz uma série de mitos, lançando mão do formato de perguntas e respostas.



FILME

História dos surdos: Libras – o poder da Língua

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=HvzC6nLf9iE>

Descrição: Relata sobre a história da educação dos surdos no Brasil. TV INES.



VÍDEO

Cultura Surda

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iREMMncTJaw&t=12s>

Descrição: Vídeo sobre Cultura Surda com Karin Strobel. Entrevista concedida à RTV Caatinga Univast. Realizada em 04 de janeiro de 2019.

UNIDADE 3:

PEDAGOGIA VISUAL



3.1 Conhecendo sobre a Pedagogia Visual

A abordagem educativa voltada para a visualidade é considerada um desafio e também algo instigante para um grupo minoritário que utiliza uma língua viso espacial, a comunidade surda, que há décadas procura uma educação que possa atender às suas necessidades.

É importante salientarmos que uma pedagogia da visual exige o uso da imagem, captando em todas as suas essências que nos rodeiam, traduzindo todas as formas de interpretações e do seu modo de ver, de forma subjetiva e objetiva. Não é simplesmente usar a língua de sinais brasileira como uma língua simples, mecanizada, e, sim, muito mais. Exige captações de todos os elementos que rodeiam os sujeitos surdos-mudos para transformá-los em signos visuais.¹⁹

A construção de estratégias utilizando uma pedagogia visual deva levar em consideração alguns aspectos ao se relacionar a constituição social da consciência, subjetividade e para o desenvolvimento da visualidade, onde Campello(2021) aborda alguns aspectos que devem ser levados em consideração, como:



O contato inicial da Língua de sinais como língua materna;



À exposição cotidiana a signos visuais, como imagem nos filmes, revistas em quadrinhos, livros com desenhos, propaganda etc.



À reflexão teórica e prática das exposições semióticas. Refletir o seu conceito e suas significações e sentidos para com este signo, por exemplo: rosa vermelha, que pode ser definida em vários sentidos, a cor, o nome da flor ou da pessoa, a mudança sintática (rosinha vermelhinha), a mudança semântica (A Rosa vermelha) que pode ser definida como pessoa que sempre usa a saia vermelha, e vários outros.

¹⁹ Campello (2021, p.35)



À formação ideológica e sua reflexão: vermelha pode ter outros significados, pode ser a cor do movimento comunista, a cor do time de futebol, do sangue, da beleza do batom, a relação entre a cor e a forma que ela expressa, da cor marcante ou insignificante. No caso dos sinais, também carrega a sua ideologia e do poder do prestígio dos sinais para significar o seu sentido.



Ao fato de analisar a diferenciação da língua portuguesa com a Língua de Sinais.

A interpretação e construção da subjetividade vai influenciar como a visualidade será trabalhada, não havendo uma receita pronta para que possamos realizar a adaptação visual em uma perspectiva de educação para surdos. Os aspectos abordados acima nos direcionam para uma visualidade mais consciente, a qual deve respeitar a subjetividade de cada sujeito ao propor situações que sejam expressas por imagens. Assim, a utilização de imagens deve ser planejada em conjunto, estabelecendo um contato com o estudante surdo, observando seu contexto e estabelecendo uma comunicação viável para que esse estudante possa compreender o que está acontecendo ao seu redor, utilizando além da Libras, as imagens que possam favorecer sua aprendizagem e interação durante a aula.

3.2 Dicas para se comunicar melhor com seu estudante surdo

Sabemos que a presença do estudante surdo em sala de aula causa estranheza e até mesmo dúvidas, sobre como deve ser a interação professor e estudante durante a aula, como: de que forma vou me expressar a esses estudantes, e principalmente se será possível estabelecer uma comunicação coerente, tendo muitas outras situações que vão sendo expressas no cotidiano em sala. Essa distância que as vezes cria barreiras na comunicação, deve ser amenizada e procurarmos algumas ações que possam viabilizar uma melhor comunicação. Para transformar essa realidade o professor inicia com algumas observações que são direcionadas abaixo e que podem auxiliar nes-

se processo de interação, pois sabemos que se tornar fluente em um língua, demanda tempo e muitas vezes longos períodos de estudo. Assim iniciemos esse percurso com algumas considerações para esta realizando com o estudante surdo. Não é um conjunto de regras ou condutas, mas algumas dicas pra melhorar a relação professor e estudante. Vamos observar algumas recomendações ao abordar um estudantes surdo:



Se quiser falar com uma pessoa surda, sinalize com a mão ou tocando no braço dela. Enquanto estiverem conversando, fique de frente para ela, mantenha contato visual e cuide para que ela possa ver a sua boca para ler os seus lábios. Se você olhar para o outro lado, ela pode pensar que a conversa terminou.



Não grite. Ela não ouvirá o grito e verá em você uma fisionomia agressiva.



Se tiver dificuldade para entender o que uma pessoa surda está dizendo, peça que ela repita ou escreva.



Fale normalmente, a não ser que ela peça para você falar mais devagar.



Seja expressivo. A pessoa surda não pode ouvir as mudanças de tom



Em geral, pessoas surdas preferem ser chamadas 'surdos' e não 'deficientes auditivos'.



Se a pessoa surda estiver acompanhada de um intérprete da língua de sinais, fale olhando para ela e não para o intérprete.



É considerado indelicadeza ou impolidez passar por entre duas pessoas que estão se comunicando através da língua de sinais, pois isso pode atrapalhar ou mesmo impedir a conversa.



Se aprender a língua de sinais brasileira (Libras), você estará facilitando a convivência com a pessoa surda.



Caso aprenda a língua de sinais brasileira (Libras), você estará facilitando a convivência com a pessoa surda.

DICAS



VÍDEO

Vídeo que demonstra estratégias utilizadas no ensino médio para inclusão do estudante surdo

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=iREMMncTJaw&t=12s>

Descrição: A iniciativa de Rodrigo Mendes e o Instituto Unibanco tem como objetivo apoiar equipes multidisciplinares das redes de educação no planejamento de políticas públicas, para a garantia de acesso, permanência e aprendizagem dos estudantes público-alvo da educação especial. A prática apresentada nesse vídeo foi desenvolvida pelos educadores da escola EE Oro-simbo Maia, no ano de 2018. Tanto em 2017 quanto em 2018, o projeto contou com apoio da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP), da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência (SEDPCD-SP) e da Escola de formação de professores Paulo Renato Costa.



LEITURA:

Experiência Visual e Surdez: Discussões sobre a Necessidade de uma “Visualidade Aplicada”.

Autora: Tatiana Bolivar Lebedeff

Descrição: O texto discute as inferências de três produções acadêmicas acerca da concepção e do uso de estratégias visuais na educação de estudantes surdos.

DICAS



LEITURA

Uso dos recursos visuais e didáticos nas salas inclusivas em três cidades do estado do Rio de Janeiro.

Autoras: Ana Regina Campello Luciane Cruz Silveira Luciane Rangel Rodrigues

Descrição: O artigo mostra os três eixos da metodologia didática-pedagógica: o uso da Língua de Sinais Brasileira (Libras), suas descrições imagéticas e seus aspectos na sala de aula na educação dos Surdos; a elaboração de um material didático de Libras na forma de um glossário de Ciências, e, finalmente, a criação do material em construção para o ensino de Ciências em Libras como segunda língua aos alunos ouvintes



VÍDEO

Sinais relacionados à disciplina de História

Acesso em:

https://www.youtube.com/watch?v=e5R_uV5kwdc



VÍDEO

Sinais relacionados à disciplina de Biologia

Acesso em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NqzKWr4tJxk>



VÍDEO

Sinais relacionados à disciplina de Artes

Acesso em:

https://www.youtube.com/watch?v=q_q0z6r1JPO



CONCLUSÃO

Finalizando...

Chegamos a mais uma etapa finalizada, uma de várias que acontecem todos os dias em sala de aula inclusiva. Reconhecer que ainda estamos em uma perspectiva de inclusão, quando nos referimos aos estudantes surdos, quer dizer que estamos em um processo de construção de informações, de criação de práticas viáveis e possíveis e ações que permeiam mais interações entre professores e estudantes. O caminho a percorrer ainda é longo e iniciar é preciso, mas as ações devem ser permeadas de muito trabalho colaborativo e acesso a formações continuadas no ambiente escolar. O chão da escola deve favorecer trocas e conhecimentos não apenas aos estudantes, mas aos professores e a todos os agentes que dela participam.

O caderno pedagógico foi feito para os professores do ensino médio, que, muitas vezes, chegam em sala e se deparam com o estudante surdo. Muitos desses professores nunca tinham tido contato com esse tipo de estudante e por isso desconhecem a especificidade e cultura do surdo.

O material foi baseado nas informações que foram observadas durante o percurso da pesquisa. Foram expostos conteúdos básicos e alguns vocabulários em Libras para que o professor possa conhecer um pouco mais sobre a Libras e a cultura surda. Desejamos que o material possa contribuir com informações ao professor e demais agentes da escola para viabilizar o processo de inclusão.

Rosane Ferreira Macêdo (Autora)



Professora licenciada em Pedagogia, Educação Física e Letras Libras; Especialista em Supervisão Escolar, Libras e em Atendimento Educacional Especializado - AEE; Instrutora de Libras em Caxias, pela Seduc-Ma. Docente da Escola de Educação Especial Prof.^a Consuelo Pinheiro - APAE, em Teresina-PI.

REFERÊNCIAS

ALBRES, Neiva de Aquino. **A educação de alunos surdos no Brasil do final da década de 1970 a 2005: análise dos documentos referenciados.2005. 129 f. Dissertação de mestrado.** Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/190866/ALBRES%20Neiva%20de%20Aquino%202005%28disserta%c3%a7%c3%a3o%29%20UFMS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 jan. 2022.

BRASIL. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 19 ago. 2022.

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

CAMPELO, A.R.S. **Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos.** In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). Estudos Surdos II. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

CAMPELO, Ana Regina e Souza, LIRA, Darlene Seabra de, ANDRADE, Lúcio Costa de. (Org.). **Educação das pessoas surdas: práticas e reflexões** – Itapiranga: Schreiben, 2021. 219 p. E-book no formato PDF.

CASTRO JÚNIOR, G. **Cultura surda e identidade: estratégias de empoderamento na constituição do sujeito surdo.** In: ALMEIDA, WG., org. **Educação de surdos: formação, estratégias e prática docente** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 11-26. ISBN 978-85-7455-445-7. Available from SciELO Book .

GESSER, A. **LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da Língua de Sinais e da realidade surda.** São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOLDFELD, Márcia. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio interacionista.** 2. ed. São Paulo: Plexus Editora. (2002)

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos. **Tenho um aluno Surdo e agora?** São Carlos: EdUFSCar, 2008.

PIETZAK, Julianne de Deus Corrêa. SANTOS, Adriana Prado Santana; Lilyan Aparecida Vieira de. BARBOSA, Ana Clarisse Alencar. **Tópicos especiais em licenciatura - libras.** – Indaial: UNIASSELVI, 2019.

QUADROS, R. M. **LIBRAS.** São Paulo:Parábola, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: ArtMed, 2004.

QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Org.). **Estudos Surdos II.** Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007.

QUIXABA, Maria Nilza Oliveira. **A inclusão na educação: humanizar para educar melhor.** São Paulo: Paulinas, 2015.

SÁ, Nídia R. L. **Surdos? Qual escola?** Manaus: Valer, 2006.

SANTOS; Adriana Prado Santana. GOES,Ricardo Schers de **.Língua brasileira de sinais – libras.** UNIASSELVI, 2016. Disponível em https://livrodigital.uniasselvi.com.br/MAT52_lingua_brasileira_de_sinais_libras/unidade3.html?topico=1. Acesso em 02/05/2022.

STROBEL, Karin Lilian. **As imagens do outro sobre a Cultura Surda.** Florianópolis/SC: Editora da UFSC, 2009.

SOUZA, Giselma Ribeiro de. **Educação de Surdos e a (d)eficiência na formação de professores**. Dissertação de Mestrado em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Jataí-GO.p164.2019.

SCHMITT, Deonísio. **Língua brasileira de sinais: caderno pedagógico** / Deonísio Schmitt, Rose Clér Estivaleta Beche ; Fabíola Sucupira Ferreira Sell (Org.) ; [designer instrucional: Daniela Viviani]. – 1ª ed. – Florianópolis : DIOESC : UDESC/ CEAD, 2013.

SOURD et Malentendus (**Sou Surda e não sabia**). Direção Igor Ochronowicz. França, 2009, (70 minutos). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Vw364_Oi4xc&t=8s. Acesso em: 15/05/2022.

Site oficial da CBDS disponível em < <https://www.cbds.org.br/cbds/eventos>> Acesso em 12/09/2022

Blog Escute Melhor. disponível em < <https://escutemelhor.com.br/2021/07/16/as-surdolimpiadas/>> acesso em 10/09/2022.

ZANCANARO JÚNIOR, Luiz Antônio. **Desempenho linguístico na língua de sinais brasileira de estudantes surdos de ensino médio em escolas inclusivas e em escolas bilíngues para surdos**. Tese de Doutorado em Linguística pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. Florianópolis, 2018